

CineViver: o cinema como uma possibilidade para refletir e como espaço para se compreender o outro

CineViver: Cinema as a way to think over and a way to understand each other

Rejane Zanini¹

Patrícia Mallmann Schneiders²

Seris de Oliveira Matos Pegoraro³

RESUMO

Este trabalho é resultado de um evento promovido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar), *Campus* Panambi, e propõe-se a relatar a experiência desenvolvida no ano de 2015 pela Coordenação de Ações Inclusivas (CAI), a fim de provocar discussões a partir da exibição de filmes nacionais com temáticas específicas do campo da inclusão. No denominado CineViver, propôs-se três eventos durante o ano letivo, um por núcleo que compõe a coordenação, Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS), Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE), em atendimento à Lei 13.006/2014, que prevê a exibição de, pelo menos, duas horas de cinema nacional por mês nas escolas. Será feito, nesta escrita, um breve percurso pelo campo do cinema e da educação para, a seguir, relatar a experiência vivenciada nos três momentos em que foram exibidos os filmes escolhidos: A história de todos nós, Hoje eu quero voltar sozinho e Refugiados na América Latina: a saída é a fuga. Por fim, serão apresentadas as considerações finais e as possibilidades futuras para se desenvolver um projeto de cinema na instituição.

Palavras-chave: Cinema. Alteridade. Inclusão

ABSTRACT

This work is a result of an event sponsored by the Federal Institute of Education, Science and Technology Farroupilha (IFFar), Panambi *Campus*, and it proposes to report on the experience developed in 2015 by the Inclusive Actions Coordination (IAC) in order to provoke discussions from the exhibition of national movies with specific themes related to the inclusion field. From the CineViver, three events were proposed during the academic year, each one of them linked to IAC Group that composes the coordination: Gender and Sexual Diversity Group (NUGEDIS), Afro-Brazilian and Indigenous Studies Group (NEABI) and Assistance to People with Special Needs Group (NAPNE), These actions are in agreement with the Law 13,006 / 2014, which provides at least two hours of national movie s exhibition during a month in schools. In this writing, we will make a brief journey through the field of cinema and education, and then it will be reported some aspects related to the experience of the three moments in which the chosen movies were shown: Story of us all, The way he looks, and Refugees in the Latin America: the way out is the escape. Finally, we will present the final considerations and future possibilities to develop a cinema project in the institution.

Keywords: Cinema. Otherness. Inclusion

1 rejane.zanini@iffarroupilha.edu.br | Instituto Federal Farroupilha – *Campus* Panambi

2 patricia.schneiders@iffarroupilha.edu.br | Instituto Federal Farroupilha – *Campus* Panambi

3 seris.pegoraro@iffarroupilha.edu.br | Instituto Federal Farroupilha – *Campus* Panambi

1 Introdução

O evento denominado CineViver surgiu em 2015, na Coordenação de Ações Inclusivas (CAI), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha, (IFFar), *Campus Panambi*, com a proposta de ser desenvolvido nos três núcleos inclusivos que a compõem: Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS), Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE). O propósito da CAI é garantir e qualificar ações inclusivas que proporcionem o pleno acesso ao ensino para todos os alunos da instituição. Entre seus objetivos, encontram-se “trabalhar para garantir o respeito às diferenças, sem desconsiderar os conhecimentos, valores e cultura prévios dos atores envolvidos no processo educacional e orientar a implementação de ações e políticas de acessibilidade no Instituto Federal Farroupilha”¹.

A ideia de criar o evento partiu da constatação da necessidade de se provocar discussões entre os alunos, devido à demanda trazida por alguns docentes, que indicaram observar a intolerância que há em sala de aula com a diversidade de um modo geral. Para isso, escolheu-se a exibição de filmes nacionais com temáticas específicas do campo da inclusão. As sessões aconteceram com uma proposta que prioriza a exibição de documentários ou filmes como disparadores do debate aliada à presença de debatedores locais e convidados. Buscou-se atender à exigência da Lei 13.006/2014, que determina a exibição de filmes nacionais nas escolas de Ensino Básico por, no mínimo, duas horas mensais. Ao exibí-los, promove-se a possibilidade de discutir temas diversificados a partir de contextos distintos. Os núcleos se responsabilizaram por oferecer uma sessão de cinema, mensal, proporcionando momentos de discussão com os estudantes acerca das temáticas centrais que passam cada um dos núcleos inclusivos, aproximando-se de datas relevantes para os núcleos. As sessões foram promovidas no auditório do *Campus Panambi*, os alunos de Ensino Médio tiveram participação compulsória, em atendimento à lei de exibição de cinema nacional, e os demais alunos do Ensino Superior e do Subsequente foram convidados a participar. Foram feitas duas exibições em cada dia de evento a fim de oferecer opções em horários distintos, uma em cada um dos meses finais do segundo semestre.

A primeira sessão aconteceu no dia 30 de setembro sob responsabilidade do NAPNE, com exibição do documentário *A história de todos nós*. A atividade foi realizada pela manhã e à noite. Após a exibição do documentário, foi apresentada a peça teatral *Preconceitos do grupo Luz*, *Câmera: IF em Ação*, posteriormente, foi feito debate com o grupo e encerramento com o depoimento de um estudante surdo, denominado por ele de *Minha história*. O aluno, que concluiu com êxito o Curso Técnico em Alimentos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), falou sobre sua história, dificuldades e desafios em sua trajetória familiar, educacional e profissional. Entre docentes, técnicos e alunos, o público presente foi de duzentos e cinquenta e oito (258) pessoas.

O NUGEDIS desenvolveu duas atividades distintas, a exibição do filme *Hoje eu quero voltar sozinho*, com debate posterior a respeito de temáticas relacionadas a gênero, diversidade e orientação sexual na adolescência e, em outro momento, houve a apresentação de uma esquete e atividade de sensibilização referente ao tema, com posterior discussão nas turmas, tendo um professor e um componente do núcleo como coordenadores. O filme foi exibido em 13 de outubro, nos turnos manhã e noite, com um público total de duzentos e quarenta e duas (242) pessoas.

O NEABI apresentou o documentário *Refugiados na América Latina: a saída é a fuga*, no dia 19 de novembro, nos turnos tarde e noite. Foi convidado para o debate final o aluno do curso de Direito da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Unijuí - RS, Francelino Sanhá,

1 Disponível em: <<http://www.pb.iffarroupilha.edu.br/site/conteudo.php?cat=255&sub=1437>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

natural da República da Guiné-Bissau, e o evento contou com a presença de cento e trinta e nove (139) pessoas.

Pretendeu-se, com essas ações, fundamentar a construção de um projeto que permitisse à instituição percorrer caminhos para além do uso didático dos filmes. O nome CineViver surgiu com a proposta de se ocupar lentamente um território para posteriormente se implementar novas maneiras do fazer a fim de provocar uma experiência estética nos participantes.

Assim, este trabalho tem como objetivo relatar os três momentos que constituíram o CineViver em 2015, bem como proporcionar uma reflexão acerca de aspectos metodológicos para futuras ações nessa área. O artigo foi produzido por integrantes do Setor de Apoio Pedagógico do *Campus Panambi*, com discussões e leituras relacionadas ao tema, após a reprodução dos filmes e participação nos debates, e está constituído por, além de introdução e contextualização do evento, aporte teórico sobre a importância do cinema na escola, questões sobre inclusão por meio do audiovisual e relato dos três momentos do CineViver, com descrição dos filmes exibidos. As temáticas abordadas em cada filme são objetos de análise desse trabalho, cuja problematização é feita com a contribuição de referencial bibliográfico. Por fim, são apresentadas as considerações finais, com projeções para a continuidade de implantação de projetos de cinema na instituição .

2 O cinema na escola

A escola é o espaço institucionalizado para a promoção de conhecimento nas diversas áreas do saber, lugar oportuno para um primeiro encontro com a arte cinematográfica. Para Bergala (2007), essa talvez seja a única oportunidade que o estudante terá durante sua vida para fazê-lo. Segundo Fresquet (2011, p. 20), uma das iniciativas imprescindíveis “[...] que os professores devem assumir no ambiente escolar” é a organização de momentos em que “[...] o sujeito possa viver o encontro com a arte”, caso contrário, os profissionais de educação “[...] estarão faltando com seu compromisso com a educação do olhar, cada vez mais necessária nas sociedades imagéticas”.

Hermann (2010, p. 53) esclarece que “[...] a arte contém um elemento que ultrapassa o domínio da reflexão, o que nos põe diante do estranho, provoca novos questionamentos, solicita uma compreensão para além daquilo que é habitual.” Também Norton (2013, p. 21) compartilha a ideia de que o contato com algo que nos afeta e que nos foge à compreensão, nos desloca e provoca, já que nos permite construir novos caminhos, afirmando que “[...] o encontro com a arte deve sempre desestabilizar de alguma forma”, o que se potencializa com a chamada sétima arte², onde imagens em movimento encantam e produzem sentidos a partir da experiência pessoal de cada sujeito.

Alain Bergala, no livro intitulado *La hipótesis del cine* (2007), sugere que o trabalho educativo no espaço escolar seja o cinema de criação, como arte, não como produto comercial feito simplesmente para consumo. Azevedo e Teixeira (2011) apontam que o encontro com o cinema na escola, a partir da hipótese proposta por Bergala, causa estranheza ao romper com a cultura escolar instituída pela didatização e instrumentalização do cinema como recurso metodológico. De outra forma, “[...] o cinema pensado como alteridade interroga o já visto, remove o instituído, desloca os olhares, inventa ideias, possibilidades. Outros enredos. Novas imagens. Luminosidades outras” (AZEVEDO e TEIXEIRA, 2011, p. 14).

Assim, deve-se abrir mão das “[...] obrigações formais dos aprendizados e conteúdos” e propor “[...] um encontro com o cinema como expressividade, como um largo horizonte de possibilidades que permitam a experiência estética”, independente da área de docência, “[...] à procura de uma

2 O cinema tem sido denominado assim desde 1912, com o Manifesto das Sete Artes, escrito pelo teórico e crítico de cinema Ricciotto Canudo.

pedagogia do olhar”³ (AZEVEDO e TEIXEIRA, 2011, p. 14).

Ainda, a lente de uma câmera em mãos de uma terceira pessoa permite que seja feita uma viagem a um mundo novo, desconhecido, exterior. Por meio do cinema, pode-se ir a qualquer lugar do mundo, conhecer as diferentes linguagens, visitar as mais diversas culturas. Isso faz com que o aluno se depare com “o outro”, um encontro que o faz entendê-lo e respeitá-lo em suas diferenças. Também com a exibição de filmes se proporciona o contato com a diversidade da linguagem cinematográfica, técnicas de filmagens e gêneros inúmeros.

Um outro aspecto importante de se trabalhar com cinema é a possibilidade de se enveredar ao mundo interior, atemporal, subjetivo, em um processo de identificação provocado por técnicas sinestésicas, uma viagem no tempo rumo às experiências vividas, promovendo uma introspecção, conforme Morin (1983) explica, por meio de planos, pelas câmeras lentas, pela fotografia, que se excede em sombras e luzes, atração da cor, música, movimento. Assim, o filme é considerado pelo autor uma “[...] simbiose: um sistema que tende a integrar o espectador no fluxo do filme [...] o fluxo do filme no fluxo psíquico do espectador.” (MORIN, 1983, p. 161).

Na perspectiva desse autor:

[...] o filme é detentor de algo equivalente a um condensador ou a um agente de participação que lhe mime com antecedência os efeitos. Na medida, pois, em que ele executa, por conta do espectador, toda a parte de um trabalho psíquico, dá-lhe satisfação, com um mínimo de despesa. Faz uma máquina de sentir auxiliar. Motoriza a participação. É uma máquina de projeção-identificação (MORIN, 1983, p. 161).

A presença das tecnologias no dia a dia dos jovens tem produzido um novo perfil e um novo comportamento que reflete diretamente no ambiente educacional. Venn e Vrakking (2009, p. 12) descrevem as características desse novo aluno e o denominam como Homo Zappiens, ou seja, “[...] um processador ativo de informação”, que resolve habilmente os problemas difíceis, usando estratégias de jogos aos quais têm acesso pelo computador, lida com a sobrecarga de informações de maneira descontinuada, mistura comunidades reais e virtuais e considera a escola uma instituição desconectada do mundo, um local aonde ele vai para encontrar-se com sua turma. Na escola, seu tempo de atenção é reduzido, as explicações são excessivamente demoradas e os professores lentos em suas exposições (VENN; VRAKING, 2009). Assim, na construção de conhecimento, é necessário pensar o aluno como um ser inserido em um contexto, envolvido em uma realidade própria e capacitado a atuar sobre ela.

Encontra-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a orientação de se trabalhar com temas transversais, entendidos como aqueles que possibilitam estabelecer, na prática, “[...] uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos teoricamente sistematizados” (PCNs, 1997)⁴. De acordo com esse documento, “[...] a perspectiva transversal aponta uma transformação da prática pedagógica, pois rompe a limitação da atuação dos professores às atividades formais e amplia a sua responsabilidade com a formação dos alunos” (PCNs, 1997), abarcando as relações entre os alunos, entre professores e alunos e entre diferentes membros da comunidade escolar; permeando necessariamente toda a prática educativa. Ainda, relacionada à projeção cinematográfica em ambiente escolar, a Lei 13.006/2014 regulamenta e obriga em seu art. 1º a exibição de duas horas mensais de filmes de produção nacional.

3 Expressão usada no Brasil por Rubem Alves (2005), que indica a importância de o educador ensinar o aluno a “ver”, a ativar sua sensibilidade para a arte por meio do olhar.

4 Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015

De acordo com Duarte (2012)⁵, as pessoas são afetadas de formas distintas pelo cinema, que altera sua sensibilidade e racionalidade. Elas são tocadas por fragmentos de filmes, “[...] uma cena, uma sequência, um som, um diálogo ou apenas uma fala, um objeto em primeiro plano, uma música ou apenas um acorde”, e os reorganizam a cada novo filme. Para a autora, quando ensinado na escola, o cinema propicia a cada participante “[...] desenvolver sua própria intuição na configuração do seu cinema pessoal” (DUARTE, 2012). Nessa perspectiva, isso não interfere somente na maneira como o filme é visto, mas afeta a forma como cada um interpreta a realidade, a compreensão das experiências e particularidades humanas.

Com base nessa compreensão, a CAI do IFFar, *Campus Panambi*, possibilitou espaços de fundamental importância na formação dos estudantes e servidores, momento de reflexão e de produção de conhecimento, de contato com a diversidade e com a alteridade na busca de se construir valores, como respeito mútuo. Pelas atividades propostas, foi possível exercitar a inclusão, acolher, ouvir o outro “diferente” e compreendê-lo; acessar outras formas de pensamento e aceitá-las.

A seguir, será apresentado um breve relato das atividades propostas, bem como comentários sobre os filmes escolhidos.

3 Temáticas distintas, o outro em pauta

3.1 A história de todos nós

Em setembro, foi exibido o documentário *A história de todos nós*, produzido pelo Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com duração de 42 minutos. Nele, são apresentadas quatro pessoas que relatam suas necessidades educacionais especiais e o quanto as tecnologias assistivas vêm auxiliando-os na conquista de maior autonomia.

Marcus é professor, possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é Mestre em Educação e dedica-se também à música nativa rio-grandense. Ele relata, no documentário, que não se apresenta como alguém que tem deficiência visual, mas sim como o Professor de História Marcus.

Sophia tem 16 anos e é aluna do Curso Integrado em Saneamento do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). No documentário, é mostrado brevemente um pouco de sua rotina como cadeirante e seu grande apreço pela leitura.

Claudio conta que, apesar de sua deficiência — ele tem amiotrofia espinhal muscular —, sempre se viu como um sujeito capaz como qualquer outro. Formou-se em Psicologia, fez especialização em Neuropsicopedagogia, Mestrado em Educação na área de Tecnologia Assistiva e está cursando o Doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Alzira, juntamente com sua mãe, destaca as barreiras urbanísticas que precisa superar cotidianamente para a realização de suas atividades. O computador é valorizado como um instrumento essencial em seu estudo e trabalho. Ela é formada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestre em Educação Inclusiva e considera que as tecnologias viabilizam a independência da pessoa com deficiência.

As quatro histórias revelam a riqueza da vida desses jovens com deficiência e suas atuações no mundo, apontando que a forma como as pessoas os enxergam faz muita diferença em suas realidades, pois potencializam ou minimizam as dificuldades decorrentes de suas limitações. A importância do apoio dos pais, colegas e professores no sentido de acolhê-los, auxiliá-los e, ao mesmo tempo,

5 Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B6ZR7EvA9p8idGJMTG1ocFZXdGs/edit?usp=sharing>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

aprender com eles, também é destacada no documentário.

Marcus, Claudio e Alzira são exemplos do aumento crescente de estudantes com necessidades de atendimento diferenciado que estão ingressando no Ensino Superior no país. Lira (2014) defende o fortalecimento e consolidação dessa política de inclusão no Brasil, considerando que o papel social da educação superior ocupa lugar de destaque no debate acadêmico, transcendendo a mera produção e disseminação do conhecimento.

O relato de Sophia e seu interesse pelos livros vem ao encontro do que Lira (2014) sinaliza ao mencionar que a inclusão é um movimento que possibilita ao aluno perceber-se como alguém com potencial para estudar, para aprender, para participar da sociedade de acordo com suas capacidades. Muitas pessoas com necessidades educativas especiais, além de apresentarem suas limitações, sofrem da chamada Síndrome da Privação Social, conforme sugerem Ferrada e Santarosa (2007), considerando que o ambiente pode não ser favorável a uma aprendizagem satisfatória por questões de ordem diversas: socioeconômicas, sócio-culturais, familiares, emocionais e/ou arquitetônicas.

Assim, para Melo (2011), a acessibilidade não significa apenas remover as barreiras arquitetônicas, mas todas as dificuldades de pleno acesso. Promover a inclusão e a acessibilidade é um desafio que deve ser abraçado pela sociedade e pela escola e, para tanto, as tecnologias assistivas são um auxílio de grande destaque, ao lado da abertura ao novo e às diferenças. Conforme relata o autor, as barreiras atitudinais são as que muito contribuem para anular as potencialidades do educando com deficiência, visto que: “[...] o indivíduo constrói suas características identitárias muito em função do que lhe é transmitido pela concepção do outro em ‘relação de si mesmo’ [sic], assim sendo, esta influência pode ser positiva para o sujeito ou ainda negativa” (Melo, 2011, p. 123). Portanto, os profissionais da educação precisam estar conscientes de seu papel na construção da autoimagem dos estudantes que poderá refletir no seu desempenho acadêmico.

Marcus, Sophia, Cláudio e Alzira apresentam em comum a valorização do estudo como fonte para superar suas dificuldades e deficiências, bem como as tecnologias que lhes proporcionam possibilidade maior de comunicação, autonomia, privacidade, inserção no ambiente educativo e mercado de trabalho, as quais têm contribuído significativamente para que conquistem seus espaços e interajam com a sociedade. Todos relatam as dificuldades que enfrentam no que se refere à acessibilidade, incluindo as barreiras físicas e atitudinais e o desejo de que essa questão evolua.

Galvão Filho (2005) defende que a utilização das novas tecnologias em educação deve apontar para a formação de indivíduos autônomos, capazes de produzirem conhecimento. No momento em que são dadas as condições para o indivíduo com deficiência interagir, aprender e explicitar seu pensamento, mais facilmente ele será tratado como um “diferente-igual”. Dessa forma, esse ser humano poderá caminhar no sentido da superação do preconceito e revelar seu potencial.

Galvão Filho (2005) afirma ainda, em relação à escola, que, se o modelo educacional vigente já exclui muitos alunos considerados “normais”, exclui muito mais ainda aqueles alunos com deficiências mais específicas e com limitações que dificultem sua interação com o meio. O autor preconiza que, ao se falar em educação inclusiva, é necessário tratar da transformação radical desse modelo padronizante, que não abarca as diferenças.

Nesse sentido, Rocha (2005) também destaca que não podemos adaptar as tecnologias às formas tradicionais de educação. Isso por si só, não garantiria melhores interações no espaço educativo, e conseqüentemente, a inclusão. É preciso que a escola seja um espaço plural que permita a cada um desenvolver o seu potencial dentro das suas possibilidades e características. Como relata Claudio no documentário, o principal desafio na busca de um mundo mais inclusivo e acessível a todos é a mudança na forma de olhar o ser humano com deficiência, ou melhor, o ser humano diferente de si.

3.2 Hoje eu quero voltar sozinho

Em outubro de 2015, exibiu-se o filme *Hoje eu quero voltar sozinho*, filme brasileiro, lançado em 2014, de direção, produção e roteiro de Daniel Ribeiro, com o propósito de abordar questões relacionadas a gênero e sexualidade. A escolha do longametrage pelo NUGEDIS permitiu aos envolvidos na ação (alunos, membros do núcleo, professores, mediadores convidados e técnicos administrativos) refletirem também sobre questões como adolescência, amizade, preconceito, inclusão, família, entre outras consideradas importantes para a constituição do indivíduo.

Vencedor do prêmio Fipresci⁶ concedido pela Federação Internacional de Críticos de Cinema e do prêmio de melhor filme do Teddy Award⁷ do Festival de Berlim, o filme também foi o escolhido pelo Ministério da Cultura, entre dezoito longas brasileiros para representar o Brasil na competição do Oscar⁸ de melhor filme estrangeiro da edição de 2015.

A história é centrada em Leonardo (Leo), um estudante do Ensino Médio cego, que luta por independência, procura levar uma vida normal e não se separar de sua melhor amiga e colega de sala de aula Giovanna (Gi). Tudo vai bem até que Gabriel, um novo estudante, entra para a escola e desequilibra a amizade entre os dois, provocando em Leo novas sensações. Além de ter de aprender a lidar com o que sente por Gabriel, ele também começa a querer se relacionar com o mundo de uma nova forma: não quer mais ser levado pelo braço para casa, quer acampar e ir a festas da turma, quer ficar sozinho em casa, fazer intercâmbio, dar o seu primeiro beijo, beber.

Em meio à história, a amizade entre os dois vai tomando o rumo da descoberta e atração. Pouco a pouco, ele se depara cheirando as roupas do amigo e pensando nele enquanto acaricia seu corpo. Leonardo acaba admitindo para sua amiga Giovanna que está apaixonado por Gabriel. A garota demonstra-se perplexa no início, mas depois lhe dá apoio. Por fim, Gabriel confessa a Leo estar apaixonado, mas que tem dúvidas sobre a reação de Leo a estes sentimentos. Leonardo responde beijando-o. Algum tempo depois, Leo, orientando-se pelo braço de Gabriel, no caminho de casa com Giovanna, mais uma vez ouve frases ofensivas disparadas por colegas que zombam da aparência homossexual do relacionamento dos garotos.

Dentre as várias questões apresentadas no filme, destacam-se as relacionadas ao preconceito. Por várias passagens do enredo, alguns colegas, em especial o colega Fábio, faz piada do som alto que a máquina de escrever de Leo faz na sala de aula, caçoa, fazendo brincadeiras e comentários sobre ele estar sempre com alguém para lhe acompanhar até sua casa, nunca ter beijado e sobre sua amizade com Gabriel. Com relação às atitudes desses colegas, pode-se ressaltar a ação preconceituosa, os princípios da “normalidade” presentes nos mais diversos contextos e a importância da escola e dos professores ao mediar tais situações. Logo, o papel do ambiente escolar e de seus atores sociais é importante nesse processo. Se houver atenção e abertura para se viver as diferenças, podem-se criar possibilidades para aprender com o outro e, assim, pensar sobre o que está presente não só no contexto educacional.

Goellner (2012, p. 29) destaca que “[...] um corpo não é só um corpo. É também seu entorno”. Além do físico e do emocional, fazem parte “[...] as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos”, enfim,

6 Federação Internacional de Críticos de Cinema, conhecida pela sigla Fipresci é uma organização que reúne críticos de cinema de todo o mundo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Federa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_de_Cr%C3%ADticos_de_Cinema>. Acesso em: 18 jan. 2015.

7 O Teddy Award é oferecido aos curtas e longas metragens de todas as sessões da Berlinale que tratem de temas relacionados à diversidade e à liberdade sexual.

8 Óscar ou Oscar é um prêmio entregue anualmente pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, fundada em Los Angeles, Califórnia, em 11 de maio de 1927. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93scar>> Acesso em 18 jan. 2015.

os significados culturais e sociais a ele atribuídos. O corpo constitui-se ainda pela linguagem, que “[...] tem o poder de nomeá-lo, classificá-lo, definir-lhe normalidades e anormalidades” (GOELLNER, 2012, p. 29), além de instituir-lhe conceitos e definições. A autora considera que as representações são efêmeras e variáveis, dependendo do contexto onde o corpo habita e se desenvolve, sendo que os processos educativos presentes na escola exercem influência importante nessa construção, bem como que há outros lugares pedagógicos que dizem respeito ao sujeito, seja pelo falar ou pelo silenciar, como em “[...] filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas” (GOELLNER, 2012, p. 29). Nesse constituir-se e significar-se, encontra-se o personagem principal do filme, Leo.

Por tema central do filme, compreende-se que as questões relacionadas à adolescência, descoberta do corpo, da sexualidade e o homossexualismo são o destaque da história. Meyer (2012) aponta vários aspectos que implicam a teorização de gênero. De acordo com a autora, o indivíduo se constitui como homem e mulher em um processo “[...] que não é linear, progressivo ou harmônico” (MEYER, 2012, p. 16), não finalizado, por meio de distintas instituições e práticas sociais, em que se incluem meios de comunicação, literatura, cinema, música, brincadeiras, onde os sujeitos “[...] são transformados em — e aprendem a se reconhecer como — homens e mulheres, no âmbito das sociedades e grupo a que pertencem” (MEYER, 2012, p. 17). Para Meyer, o conceito de gênero marca a forma como circunstâncias específicas são vivenciadas, como a feminilidade e a masculinidade são definidas e vividas, como são consideradas as relações de poder e como são constituídos sujeitos de gênero. Ainda, o conceito amplia a ideia de papéis/funções de homem/mulher, considerando que “[...] instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e masculino” (MEYER, 2012, p. 18).

Outro tema abordado pela história é a superproteção da família de Leo, em especial de sua mãe, fato que pouco a pouco acaba irritando o adolescente, que não quer ser tratado de forma diferente por causa de sua deficiência. Neste sentido, Carvalho (2008, p. 17) afirma que:

No caso das pessoas em situação de deficiência, suas diferenças ganham conotações importantes e, como um eco, reverberam sob a forma de preconceitos que banalizam suas potencialidades. Tais pessoas costumam ser percebidas pelo que lhes falta, pelo que necessitam em termos assistenciais e não pelo seu potencial latente e que exige oportunidades para manifestação e desenvolvimento.

No que se refere ao processo de inclusão, o filme aponta questões como a presença de Leo em uma escola regular, a acessibilidade da maioria dos espaços que ele frequenta, o uso de materiais acessíveis (celular, máquina de escrever), o uso do Braille, a existência de uma agência norte-americana de intercâmbio especializada em alunos cegos e a postura de boa parte dos colegas e dos professores em tratá-lo da mesma maneira que os demais da turma.

As temáticas abordadas no longa foram discutidas previamente em sala de aula, com a mediação de docentes. Pensou-se em concentrar os debates em grupos menores a fim de torná-lo mais produtivo e menos intimidativo.

3.3 Refugiados na América Latina

Em novembro, foi exibido o documentário *Refugiados na América Latina: A Saída é a Fuga*, produzido pela TV Brasil Internacional em 2014, premiado pela Organização das Nações Unidas (ONU) no mesmo ano; com a apresentação do relato de inúmeras famílias obrigadas a sair de seus países por motivos distintos, famílias tolhidas em seus direitos de alguma forma. No documentário, são apresentados ainda depoimentos de Organizações Não Governamentais (ONGs) que recebem esses

refugiados e os apoiam até que consigam se estabelecer em seu novo país. O documentário exhibe em seu início o quantitativo e o conceito de refugiado: “Existem 800 mil refugiados nas Américas, pessoas obrigadas a deixar seus países por perseguições, motivadas por raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas e também por violação de direitos humanos”.

Há, no filme, relatos de pessoas de El Salvador que se refugiaram na Nicarágua e México, de Camarões que se refugiaram no México, da República Democrática do Congo, da Síria e Iraque, que se refugiaram no Brasil, de Honduras, Guatemala, El Salvador e Colômbia, que se refugiaram no Equador. Os motivos que os fizeram deixar seus países são distintos. Na Colômbia, os conflitos entre as guerrilhas e o governo; em Honduras, Guatemala e El Salvador, o tráfico de drogas e a constituição de gangues obrigam quem não se dispõe a ingressar nelas a fugir; na Síria e Iraque, as guerras ameaçam matar quem permanece. As circunstâncias os obrigaram a sair para que salvassem suas vidas. Saíram sem dinheiro ou outro recurso, simplesmente fugiram, alguns por desestrutura familiar, pela busca de melhores condições de vida ou por causa da violência instalada. Em seus discursos, deixam transparecer a angústia por estarem distante de seus familiares, sem saber notícias e sem esperança de um possível retorno breve.

Em seus novos países foram acolhidos em albergues e ONGs, que tentam inseri-los no mercado de trabalho e organizar suas vidas. Sofreram preconceitos por não serem compreendidos, foram julgados por terem fugido. No filme, como aspecto positivo é apontada a não existência de campos de refugiados na América Latina, já que os refugiados conseguem retomar suas rotinas e prosseguir a vida de maneira praticamente normal, ao contrário de alguns países no mundo que estabelecem os campos de refugiados. Não se sabe, ao certo, o impacto da imposição da migração, o futuro certamente mostrará. O que se percebe, pelos relatos, é o sofrimento e a dor dos que foram obrigados a deixar seus familiares, seus lares, seus países, seus empregos e sonhos para viver em um local seguro, em um momento em que nada mais resta a não ser a esperança de um futuro melhor.

Os documentários de representação social caracterizam-se por apresentar aspectos presentes em um mundo compartilhado, e “[...] tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e organização realizadas pelo cineasta [...]. Vemos visões (fílmicas do mundo)” (NICHOLS; MARTINS, 2005, p. 27), visões que apresentam questões sociais e atuais, problemas e possíveis soluções.

Hall (2006) aponta que novas identidades híbridas estão tomando lugar em um mundo moderno globalizado, e que as identidades nacionais estão em declínio. Isso advém de uma compressão espaço-tempo; o que relativiza as identidades culturais; para ele, “[...] o mundo é menor e as distâncias mais curtas” (HALL, 2006, p. 69). O autor ainda aponta dois movimentos emergindo no quadro global, denominados tradição e tradução, ao que define como “[...] formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal” (HALL, 2006, p. 88). Elas não são assimiladas pelas novas culturas, precisam negociar com elas sem perder suas identidades. “São produtos de histórias e culturas interconectadas, [...] pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias casas [...] estão irrevogavelmente traduzidas” (HALL, 2006, p. 89), no sentido de terem sido transferidas, transportadas entre fronteiras. Para esse autor, as culturas híbridas são um entre os vários tipos de identidade produzidos na era da modernidade tardia.

Percebem-se traços da imposição da mudança de país no discurso de cada interlocutor do filme. Em cada família uma marca profunda de tristeza, histórias carregadas de emoção, em cada voz um pesar, resultado da anulação do poder público que os desampara na garantia de seus direitos fundamentais, ir e vir, trabalhar, estudar, enfim, se estabelecer enquanto sujeitos de direitos e deveres, desenvolver seus negócios e manter suas casas livres de opressão. Em sua maioria, o discurso se assemelha. Todos saíram de seus países a fim de preservar suas vidas, bem como a de seus

familiares. Ameaçados por guerras, por gangues de tráfico, expulsos pela violência.

Após a exibição do documentário, foi dado espaço de fala ao estudante do Curso de Direito da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul (Unijuí - RS), Francelino Sanhá, vindo de Guiné-Bissau, por meio de um programa de Governo Federal para estudar e retornar com uma nova condição a seu país, a de portador de diploma de Curso Superior.

Em seu relato, disse que não está aqui como refugiado, o que o diferencia dos relatos do documentário. Observou que em seu país não conheceu o preconceito de raça, já que todos vivem em harmonia e convivem em comunidades semelhantes, não há brancos. Embora o afastamento de seu país não tenha acontecido por situação de risco, veio com o objetivo de se constituir e se estruturar por intermédio do estudo. Também, relatou que, ainda que esteja em uma cidade predominantemente de brancos, ljuí, não percebeu ser tratado como diferente, disse que se uniu a outros colegas que vieram da África e, assim, se tornou menos difícil sua adaptação no Brasil. Considera que sua condição de estudante estrangeiro tenha sido um fator positivo.

Em seguida ao seu depoimento, foi dada oportunidade aos participantes do evento para questionamentos, que basicamente versaram sobre cultura local, costumes, alimentação, religião, diferenças e semelhanças entre Brasil e África, planos futuros, entre outras questões.

4 Considerações Finais

O evento denominado CineViver, proposto pela Coordenação de Ações Inclusivas e desenvolvido por seus núcleos componentes, abordou temáticas como gênero e diversidade sexual, acessibilidade, inclusão e preconceito/acolhimento.

Percebeu-se certa resistência na participação por parte de docentes e de alguns alunos, que ainda desconsideram a importância de momentos reflexivos, bem como desconhecem a importância do cinema e/ou audiovisual na vida escolar. Ainda permanece no imaginário dos sujeitos inseridos em contexto educacional que assistir filmes na escola é perda de tempo ou que sua exibição serve para preencher um tempo considerado importante que seria melhor utilizado para desenvolver conteúdos previstos em currículos escolares. Porém, busca-se cada vez mais ampliar no *Campus* Panambi o espaço da vivência e da valorização de ações que auxiliam a reflexão para se compreender o diferente.

Por se tratar de um projeto piloto, considera-se sua realização um marco, já que instituir algo novo sempre gera desconforto e produz necessidade de desacomodação, de ver o outro, colocar-se em seu lugar e refletir sobre uma realidade distinta a partir de sua posição na sociedade. Este projeto representa um pequeno passo em direção à construção de um novo olhar, tanto de servidores como de alunos, para futuras realizações com um enfoque que permita a todos vivenciar o cinema como arte, além de utilizá-lo em ações reflexivas e construtivas.

5 Referências

A HISTÓRIA de todos nós. Direção: Gabriel Ornellas e Guilherme Machado. Produção: Maria Fernanda Bin, Guilherme Machado e Ivani Voos. 2014. 42min:48seg. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/OB6ZR7EvA9p8idGJMTG1ocFZXdGs/edit?usp=sharing>> Acesso em: 15 dez. 2015.

ALVES, R. **Educação dos Sentidos e mais...** Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

AZEVEDO, A. L. F. e TEIXEIRA, I. A. C. **Os professores e o cinema na companhia de Bergala.** (Org.) FRESQUET, A. Dossiê Cinema e educação #2, Uma relação sob a hipótese de alteridade de Alain Bergala, Rio de Janeiro, Booklink Publicações: 2011.

BERGALA, A. **La hipótesis del cine.** Barcelona: Laertes S.A., 2007.

BRASIL. Lei n. 13.006, de 26 de Junho de 2014. Acrescenta § 8o ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm> Acesso em 16 nov. 2016.

NICHOLS, B.; MARTINS, M. S. **Introdução ao Documentário.** Campinas: Papyrus Editora, 2005.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação. 146p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2015.

CAMPOS, P. F. M. Relações corpo e educação: um estudo sobre o lugar do corpo na escola. **Revista Intercâmbios do Congressos de Humanidades**, 2009. Disponível em: <http://unb.revistainterambio.net.br/24h/conteudo/visualiza_lo03.php?pag=;revistainterambio;paginas;visualiza_lo03&cod=190> Acesso em: 05 jun. 2015.

CARVALHO, R. E. **Escola inclusiva:** a reorganização do trabalho pedagógico. Porto Alegre: Medição, 2008.

DUARTE, R. **O cinema de cada um.** Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/OB6ZR7EvA9p8idGJMTG1ocFZXdGs/edit?usp=sharing>> Acesso em: 21 dez. 2015.

FERRADA, R. B. H.; SANTAROSA, L. M. C. **Tecnologia Assistiva como apoio à inclusão digital de pessoas como deficiência física.** Porto Alegre. 2007. Disponível em: <<http://www.niee.ufrgs.br/eventos/CIIEE/2007/pdf/CP-%20314pdf>> Acesso em: 19 out. 2016.

FRESQUET, A. Dossiê cinema e educação: uma relação sob a hipótese da alteridade. In: FRESQUET, Adriana (Org.). **Dossiê cinema e educação #2.** Rio de Janeiro: Booklink, 2011.

GALVÃO FILHO, T. A. Ambientes computacionais e telemáticos na educação de alunos com necessidades Especiais. In: PRETTO, N. **Tecnologia e novas educações.** Salvador: EDUFBA, 2005.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L., FELIPI, J., GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERMANN, N. **Autocriação e Horizonte Comum**: ensaio sobre educação ético-estética. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

HOJE eu quero voltar sozinho. Direção: Daniel Ribeiro. Produção: Diana Almeida e Daniel Ribeiro, 2014. 2h:16min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FKQSSfJZQ4o>> Acesso em: 20 dez. 2015.

LIRA, D. Acessibilidade na Educação Superior: novos desafios para as universidades. In: ANPED SUL, 10., 2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2004. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/659-0.pdf> Acesso em: 19 out. 2016.

MELO, M. W. S. **Acessibilidade na Educação Inclusiva**: uma perspectiva além dos muros da escola. Sitientibus, Feira de Santana, n. 44, p. 113-127, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www2.uefs.br:8081/sitientibus/pdf/44/C_evaz_Sitientibus_alvaro_artigos6.pdf> Acesso em: 19 out. 2016.

MEYER, D. E. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, G.L., FELIPI, J., GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MORIN, E. A alma do cinema. In: XAVIER, I. (Org.). **A Experiência do Cinema**. Rio de Janeiro: Graal/Embrafilme, 1983.

NORTON, M. **Cinema e Oficina**: técnica e criatividade no ensino do audiovisual. Niterói: Editora da UFF, 2013.

REFUGIADOS na América Latina: a saída é a fuga. Direção: Leandro Rolim e Paulo Leite. Produção: TV Brasil Internacional, com o apoio do Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), 2014. 50min: 58seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zoiNlavOuBw>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

ROCHA, T. B. Currículo e tecnologias: refletindo o fazer pedagógico na era digital. In: PRETTO, N. **Tecnologia e novas educações**. Salvador: EDUFBA, 2005.

VEEN, W. e VRAKKING, B. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Tradução Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.